

Onde se encontram as falácias nas propagandas anti-espíritas

“Divergência de opinião jamais deve ser motivo para hostilidade” (M. Gandhi)

Lemos o artigo que leva o título de “A falaciosa propaganda Espírita”, assinado pelo ICP, mas constante no site CACP, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/a-falaciosa-propaganda-espirita/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra argumentação.

Percebemos que o estimado autor do texto tentou anuir os dogmas criados em torno do Cristianismo primitivo ao longo dos séculos de acordo com inúmeros concílios e discussões. Entendemos que a essência dos ensinamentos do Mestre Jesus, sem qualquer toque rebuscado de dogma, é de cunho moral e nos leva a prática de seu Evangelho em transformação do ser humano, não pelos dogmas, mas antes pela vivência dos ensinamentos sublimes do Mestre, ao qual o Espiritismo tanto ressalta e que iremos desenvolver daqui adiante. Vejamos os argumentos do autor do texto em lide:

O espiritismo arroga para si a condição de ser autêntico Cristianismo. Será? *A doutrina espírita nos ensina a praticar o Cristianismo em sua forma mais pura e simples, assim, o espírita procura ser um bom cristão. Ele sente que precisa combater seus próprios defeitos e praticar os ensinamentos de Jesus* (“O Espiritismo em Linguagem Fácil”, p. 61).

Resposta apologética:

Para praticar o Cristianismo em sua forma mais pura e simples, em primeiro lugar seria preciso que o espiritismo tivesse sua base na Bíblia e suas crenças fossem as mesmas do Cristianismo histórico. Não é o caso. Daí porque o espiritismo usa uma falsa propaganda ao fazer afirmações como as citadas e como outras, entre as quais destacamos: *É preciso que nos façamos entender. Se alguém tem uma convicção bem assentada sobre uma doutrina, ainda que falsa, é necessário que o desviemos dessa convicção, porém, pouco a pouco, eis porque nos servimos, quase sempre, de suas palavras e damos a impressão de partilhar de suas idéias, a fim de que ele não se ofusque de súbito e deixe de se instruir conosco.* (Destaque nosso).

Então, o texto citado afirma que Allan Kardec recomenda:

Primeiro: *nos servimos... de suas palavras...*

Segundo: *damos a impressão de partilhar de suas idéias...*

Com que propósito? *a fim de que ele não se ofusque de súbito e deixe de se instruir conosco...*

Assim, para atingir seu objetivo, o espiritismo elogia Jesus Cristo dizendo: *Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e de modelo? “Jesus”*

Em seguida, segue-se uma declaração de Allan Kardec, nos seguintes termos: *Jesus é para o homem o tipo de perfeição moral a que pode aspirar a humanidade na terra. Deus no-lo oferece como o **mais perfeito modelo e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei**, porque ele estava animado pelo Espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu na terra. (Destaque nosso).*

Mediante a citação da obra “O espiritismo em linguagem fácil” escrita pelo autor Homero Moraes Barros. Entendemos que nem mesmo em linguagem fácil muitos compreendem o caráter da mensagem espírita de caridade, amor e verdade, restando somente as propagandas falaciosas e anti-espíritas por alguns fundamentalistas. Será com base neste início de argumentação que iniciaremos a nossa abordagem esclarecedora.

Baseado no texto apologético do ICP e copiado pelo CACP, percebemos que quer se atribuir que o Espiritismo não vem reaver os costumes do Cristianismo histórico, principalmente o apostolar. Entendemos que a mensagem central de Jesus foi à de buscarmos a reforma íntima, levar aos necessitados o conforto do apoio moral e material de forma irrestrita. Jesus não instituiu nenhuma religião, antes, porém foi contra os formalismos da religião judaica que via mais importância nas legalidades religiosas, do que nos ensinamentos de renovação moral. Jesus ainda pregava sempre aos marginalizados com o fito de levar a entender que a intenção é mais importante do que o rótulo, ou crença que qualquer pessoa venha a ter, haja vista a parábola do Bom Samaritano (Mt 25,31-46) que se trata de um samaritano que era um povo marginalizado pelos judeus de sua época, mas que praticou uma boa ação para com o próximo. Vemos ainda que foi citada a obra “Obras Póstumas”, sendo o último livro da codificação de Kardec, onde este argumento já gasto de tanto ser utilizado por fundamentalistas. Vejamos na íntegra a citação, sem omissões.



3ª Com que fim Espíritos sérios, junto de certas pessoas, parecem aceitar ideias e preconceitos que combatem junto de outras?

"Cumpramos nos façamos compreensíveis. Se alguém tem uma convicção bem firmada sobre uma doutrina, ainda que falsa, necessário é lhe tiremos essa convicção, mas pouco a pouco. Por isso é que muitas vezes nos servimos de *seus termos* e aparentamos abundar nas suas ideias: é para que não fique de súbito ofuscado e não deixe de se instruir conosco.

"Aliás, não é de bom aviso atacar bruscamente os preconceitos. Esse o melhor meio de não se ser ouvido. Por essa razão é que os Espíritos muitas vezes falam no sentido da opinião dos que os ouvem: é para os trazer pouco a pouco à verdade. Apropriam sua linguagem às pessoas, como tu mesmo farás, se fores um orador mais ou menos hábil. Daí o não falarem a um chinês, ou a um maometano, como falarão a um francês, ou a um cristão. E que têm a certeza de que seriam repelidos.

"Não se deve tomar como contradição o que muitas vezes não é senão parte da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm a sua tarefa designada por Deus. Desempenham-na dentro das condições que julgam convenientes ao bem dos que lhes recebem as comunicações."
(KARDEC, A.; O Livro dos Médiuns; Cap. XXVII; Das Contradições e Mistificações, item 301).

O primeiro ponto que devemos salientar é de onde partiu a citação empregada pelo autor que não é de Kardec, mas uma resposta dada pelos espíritos a questão que ele formulou quanto a supostas contradições entre os espíritos sérios a compactuarem com ideias preconceituosas em certas comunicações, mas combaterem em outras no item 301 da obra "O Livro dos Médiuns". Este é o objetivo da resposta dada pelos espíritos e que erroneamente o autor do texto atribuiu a Kardec.

Partindo desta importante correção ao texto que não soube quem mesmo que havia afirmado a sua citação desconexa, verificamos ele citar a pergunta abaixo, encontrada na obra "O Livro dos Espíritos". Vejamos:

625. Qual é o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo?

– Jesus.

☼ Jesus é para o homem o exemplo da perfeição moral a que pode pretender a humanidade na Terra. Deus nos oferece Jesus como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque era o próprio Espírito Divino e foi o ser mais puro que apareceu na Terra.

Se alguns daqueles que pretenderam instruir o homem na lei de Deus algumas vezes o desviaram, ensinando-lhe falsos princípios, foi por se deixarem dominar por sentimentos muito materiais e por ter confundido as leis que regem as condições da vida da alma com as do corpo. Muitos anunciaram como leis divinas o que eram apenas leis humanas criadas para servir às paixões e dominar os homens. **(KARDEC, A.; O Livro dos Espíritos; Parte Terceira – Leis morais; Capítulo 1 – Lei divina ou natural).**

Não há elogios à personalidade de Jesus, é o que os espíritos responderam após Kardec questionar qual o tipo mais perfeito de personalidade que o homem deve se espelhar. A resposta foi contundentemente enfatizada em direção ao Rabi da Galileia, Jesus. A partir desta resposta, Kardec faz um comentário à personalidade de Jesus e tece como modelo e guia moral a toda humanidade. Com isso, continua o texto desatento:

Qual o cristão que não concordaria com essas declarações sobre Jesus e seus ensinamentos? Encontramos aprovação bíblica para essas declarações em Hebreus 7.26; Mateus 3.16-17.

Mas, logo em seguida, coloca na boca dos espíritos as seguintes palavras que contradizem a posição antes adotada com relação à pessoa e aos ensinamentos de Jesus.

Se Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, que utilidade têm os ensinamentos dos espíritos? Poderão eles ensinar alguma coisa além do que ensinou Jesus? Os ensinamentos de Jesus eram freqüentemente alegóricos e na forma de parábolas, dado que ele falava de acordo com a época e os lugares. Hoje, é preciso que a verdade seja inteligível para todos, razão por que é preciso explicar e desenvolver esses ensinamentos, tão poucos são os que os compreendem e ainda menos os que os praticam. Consiste nossa missão em abrir os olhos e os ouvidos a todos, para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas, esses que exteriormente se revestem das aparências da virtude e da religião para melhor ocultarem suas torpezas (“O Livro dos Espíritos”, p 172, Obras Completas, Editora Opus, 2ª edição especial).

Com essa explicação dada pelos espíritos, Kardec se vê com o direito de remover da Bíblia tudo quanto a Bíblia mesma diga contra as práticas e ensinamentos do espiritismo. O que for contra o espiritismo pode-se alegar, com muita propriedade, que fazia parte dos ensinamentos parabólicos ou alegóricos de Jesus.

Após as referências bíblicas, aventadas pelo texto, vejamo-las:

Hb 7:26 Tal é, com efeito, o Pontífice que nos convinha: santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e elevado além dos céus,

Mt 3:16-17 Depois que Jesus foi batizado, saiu logo da água. Eis que os céus se abriram e viu descer sobre ele, em forma de pomba, o Espírito de Deus. E do céu baixou uma voz: Eis meu Filho muito amado em quem ponho minha afeição.

Em nada há de referência destoante dos ensinamentos dos espíritos. O único impasse para o cristianismo são os dogmas que se tornaram mais importantes na identificação de um cristão, do que a prática dos ensinamentos de Jesus. Cremos que este é o maior problema. Contudo, em seguida o texto faz uma alusão de que Kardec usou, de forma criminosa, a pretensão de estarem colocando no ensino dos espíritos as suas impressões, ao citarem a questão 627 da obra “O Livro dos Espíritos”, levando os leitores a uma falsa ideia de que Kardec seja desonesto e vil com tal afirmativa. Vejamos na íntegra a questão 627, sem mácula e cortes:

627 Uma vez que Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, qual é a utilidade do ensinamento dado pelos Espíritos? Terão a nos ensinar alguma coisa a mais?

– A palavra de Jesus era, muitas vezes, alegórica e em parábolas, porque falava de acordo com os tempos e os lugares. É preciso agora que a verdade seja inteligível para todo mundo. É preciso também explicar e desenvolver essas leis, uma vez que há tão poucas pessoas que as compreendem e ainda menos as que as praticam. Nossa missão é de abrir os olhos e os ouvidos para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas: aqueles que tomam as aparências da virtude e da religião para ocultarem suas baixeiras. **O ensinamento dos Espíritos deve ser claro e inequívoco, a fim de que ninguém possa alegar ignorância e cada um possa julgá-lo e apreciá-lo com a razão. Estamos encarregados de preparar o reino do bem anunciado por Jesus; por isso, não é correto que cada um possa interpretar a lei de Deus ao capricho de suas paixões nem falsear o sentido de uma lei toda de amor e de caridade. (KARDEC, A.; O Livro dos Espíritos; Parte Terceira – Leis morais; Capítulo 1 – Lei divina ou natural, grifos nossos).**

A parte ao qual destacamos à resposta dada pelos espíritos é que foi habilmente suprimida do texto em análise, pura e simplesmente para passar a impressão de que Kardec manipulou a resposta e que os espíritos que a responderam não eram ao menos responsáveis por transmitirem suas ideias. Ademais, Jesus, ao seu tempo nos deixou o seu evangelho para seguirmos os seus passos e suas atitudes, mas deixou bem claro que queria nos dizer muito mais, mas que naquela época não estávamos preparados para suportar a doutrina que agora revelada vem à tona, sem mácula e sem arranjos de palavras para levarem os ensinamentos de amor, caridade e verdade de forma distorcida e tendenciosa por aqueles que colocam os dogmas criados pelos concílios acima da moral cristã, tão esquecida nos dias atuais. Vejamos a referência do Mestre.

Jo 16:12 Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora.

Outro ponto ao qual avançamos, após o esclarecimento de que nem tudo o que Jesus deveria ter nos ensinado está escrito no novo testamento, com a afirmativa acima no evangelho de João, vemos que o texto tenta, de forma hercúlea sugerir que a Bíblia condena o espiritismo, mas o que percebemos é justamente o oposto, pois a Doutrina Espírita confirma o que Jesus ainda não pudera nos dizer em sua época, nos ensina as mensagens complexas, transmitidas através de parábolas, nos dando um ensinamento único e ainda nos exalta a moral de Jesus a ser praticada, com o objetivo da reforma íntima de cada um. Vejamos novamente a assertiva:

Jo 16:13 Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, ensinar-vos-á toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir, e anunciar-vos-á as coisas que virão.

Portanto, caro leitor, não há dúvidas do que afirmamos e toda a tentativa do texto fica com meras acusações de que a Bíblia condena a Doutrina Espírita, mas que num exame mais apurado, não é este o objetivo, tal como identificamos no texto “[A](#)

[Comunicação com os mortos na Bíblia](#)”, pois neste texto mostramos que a única condenação está nas traduções tendenciosas no antigo testamento com um único objetivo, difamar a Doutrina Espírita. Prossegue o texto em sua análise:

Enquanto os espíritas se baseiam no ensino dos espíritos, os cristãos se baseiam na Bíblia Sagrada. Um eminente espírita assim se pronuncia sobre a Bíblia: *Nem a Bíblia prova coisa nenhuma, nem temos a Bíblia como probante. Não rodopia junto à Bíblia. Mas a nossa base é o ensino dos espíritos, daí o nome espiritismo. A Bíblia não pode ser razão de peso contra o ensino dos espíritos* (“À Margem do Espiritismo”, pp. 214, 227, Carlos Embassahy).

Aqui se demonstra mais um argumento já um tanto gasto, pois reflete a opinião de um autor espírita, a do Carlos Imbassay que por sinal está incorreto a grafia do nome do autor que deve ter havido tanto Ctrl + C e Ctrl + V que se perdeu a originalidade do referido texto, como se a opinião dele fosse das dos demais espíritas, que por sinal são livres em seu pensamento e ideias, mas este mesmo autor afirma que a Doutrina Espírita se baseia nos ensinamentos dos espíritos, o que em parte é a verdade. Os ensinamentos dos espíritos nos esclarecem muitos dos fenômenos contidos nas Escrituras, o que universaliza o real entendimento, retirando todo o dogma que no cristianismo foi inserido ao longo dos séculos. Ao fim do texto, lemos em sua conclusão:

Allan Kardec opina sobre a Bíblia afirmando: Todos os escritos posteriores, sem excetuar os de São Paulo, são nem podem deixar de ser, apenas comentários ou apreciações, reflexos de opiniões pessoais, muitas vezes contraditórias, que não poderiam, em caso algum, ter a autoridade de um relato dos que haviam recebido as instruções diretamente do Mestre (“Obras Póstumas”, p. 1170. Opus Editora Ltda., 2ª edição especial, 1985). E nós? Temos a Bíblia como regra de fé e conduta para a vida e o caráter do cristão (1 Ts 2.13; 2 Tm 3.15-17; 2 Pe 1.20-21). Negam eles as demais doutrinas cristãs, principalmente nossa redenção por Cristo. O credo espírita é negativista em face das doutrinas cristãs, pois nega a ressurreição corporal de Jesus e da humanidade, nega os milagres de Jesus, nega a Trindade, nega a deidade absoluta de Jesus, nega a Personalidade do Espírito Santo, nega a existência dos anjos, nega a existência do diabo e dos demônios, nega a existência do céu e do inferno, nega o pecado original, nega a unicidade da vida terrestre. Poderiam, realmente, os espíritas ser classificados como cristãos? A resposta é óbvia: não!

Pense nisso...

Extraído do ICP em 18/07/2013

O texto é deveras pretencioso ao citar uma dissertação do codificador sem antes se dar ao direito de sobrepor a sua crença a Doutrina Espírita, pois a única alternativa é a de atingir o Espiritismo, mas, antes, porém, de nossa conclusão vamos

evidenciar onde foi exposto um texto mutilado de Kardec em “Obras Póstumas”, vejamos:

I - Fonte das provas da natureza do Cristo

A questão da natureza do Cristo foi debatida desde os primeiros séculos do Cristianismo, e pode-se dizer que não está ainda resolvida, uma vez que ainda é discutida em nossos dias. Foi à diferença de opinião sobre este ponto, que deu nascimento à maioria das seitas que dividiram a Igreja há dezoito séculos, e é notável que todos os chefes dessas seitas foram bispos ou membros do clero com diversos títulos. Por conseguinte, eram homens esclarecidos, a maioria escritores de talento, nutridos na ciência teosófica, que não achavam concludentes as razões evocadas em favor do dogma da divindade do Cristo; não obstante, então como hoje, as opiniões se formaram sobre abstrações, mais do que sobre fatos, procurou-se, sobretudo, o que o dogma poderia ter de plausível ou de irracional, e, geralmente, se negligenciou, de parte a parte, em fazer ressaltar os fatos que poderiam lançar, sobre a questão, uma luz decisiva.

Mas onde encontrar esses fatos se isso não for nos atos e nas palavras de Jesus?

Jesus, nada tendo escrito, seus únicos historiadores foram os apóstolos que, eles não mais, nada escreveram quando vivos; não tendo nenhuma história profana contemporânea falada dele, não existe sobre a sua vida e a sua doutrina, nenhum outro documento senão os Evangelhos; portanto, é ali somente que é necessário procurar a chave do problema. **Todos os escritos posteriores, sem disso excetuar os de São Paulo, não são, e não podem ser, senão comentários ou apreciações, reflexo de opiniões pessoais, frequentemente contraditórias, que não poderiam, em nenhum caso, ter a autoridade do relato daqueles que receberam as instruções diretamente do Mestre.**

Sobre essa questão, como sobre as de todos os dogmas em geral, o acordo dos Pais da Igreja, e outros escritores sacros, não poderia ser evocado como argumento preponderante, nem como uma prova irrecusável em favor de sua opinião, tendo em vista que nenhum deles pôde citar um único fato, fora do Evangelho, concernente a Jesus, nenhum deles descobriu documentos novos desconhecidos de seus predecessores.

Os autores sacros não puderam senão voltar sobre o mesmo círculo, dar a sua apreciação pessoal, tirar consequências de seu ponto de vista, comentar sob novas formas, e com mais ou menos desenvolvimento, as opiniões contraditórias. Todos os do mesmo partido deveram escrever no mesmo sentido, se não nos mesmos termos, sob pena de serem declarados heréticos, como o foram Orígenes e tantos outros. Naturalmente, a Igreja não colocou, entre seus Pais, senão os escritores ortodoxos do seu ponto de vista; ela não exaltou, santificou e colecionou senão aqueles que tomaram a sua defesa, ao passo que rejeitou os outros e destruiu os seus escritos tanto quanto possível. O acordo entre os Pais da Igreja, portanto, nada tem

de concludente, uma vez que é uma unanimidade de escolha formada pela eliminação dos elementos contrários. Se se leva em consideração tudo o que foi escrito pró e contra, não se sabe muito de que lado penderia a balança.

Isso nada tira ao mérito pessoal dos sustentadores da ortodoxia, nem ao seu valor como escritores e homens conscienciosos; foram os advogados de uma mesma causa, que defenderam com incontestável talento, e deveriam, forçosamente, chegar às mesmas conclusões. Longe de querer denegri-los, em que quer que seja, quisemos simplesmente refutar o valor das consequências que se pretende tirar de seu acordo.

No exame que vamos fazer, da questão da divindade do Cristo, pondo de lado as sutilezas da escolástica que não serviram senão para embrulhar em lugar de elucidar, nos apoiaremos exclusivamente sobre os fatos que ressaltam do texto do Evangelho, e que, examinados friamente, conscienciosamente, sem ideia preconcebida, fornecem superabundantemente todos os meios de convicção que se possam desejar. Ora, entre esses fatos, não há de mais preponderante, nem de mais concludentes, senão as palavras mesmas do Cristo, palavras que não se saberia recusar sem infirmar a veracidade dos apóstolos. Pode-se interpretar de diferentes maneiras uma palavra, uma alegoria; mas afirmações precisas, sem ambiguidade, cem vezes repetidas, não poderiam ter um duplo sentido. Nenhum outro, senão Jesus pode pretender saber melhor do que ele o que quis dizer, como ninguém pode pretender estar melhor informado do que ele sobre a sua própria natureza: quando ele comenta as suas palavras, e as explica, para evitar todo equívoco, deve-se confiar nele, a menos lhe neguemos a superioridade que se lhe atribui, e substituamos a sua própria inteligência. Se foi obscuro em certos pontos, quando se serviu de linguagem figurada, sobre o que toca à sua pessoa não há equívoco possível. Antes do exame das palavras, vejamos os atos. **(KARDEC, A.; Obras Póstumas; Primeira Parte – Estudo sobre a Natureza do Cristo, grifos nossos).**

A parte grifada da reflexão inicial de Kardec sobre a natureza do mestre Jesus em teor completo que lançamos para análise dos leitores, a fim de que seja apreciada a mutilação feita pelo texto em sua conclusão. O que foi apontado por Kardec no parágrafo anterior que foi suprimido é justamente na fonte dos evangelhos como manancial a se pesquisar sobre o caráter e a vida do mestre Jesus, concluindo a sua personalidade. A mutilação deste parágrafo anterior à citação do texto é única e exclusivamente maldosa, dando a entender que Kardec foi deveras pretencioso. Os textos escritos posteriormente foram justamente interpretados e escritos dos pais da igreja, culminado, muitos deles em dogmas defendidos nos concílios e anuídos através da votação secular.

A partir daí o texto dá a impressão que a Bíblia que seguem os protestantes é que é a regra de fé, citando (1 Ts 2.13; 2 Tm 3.15-17; 2 Pe 1.20-21), impressionando os leitores a entenderem que Kardec desabonou tais escritos, antes, porém, o codificador advogou os evangelhos como fonte primeira de análise da realeza de Jesus. Dessa forma, caro leitor, deixaremos para seu exame, sem a pretensão de

fazê-los preponderar em tencionar suas convicções às nossas, mas antes mostramos a forma pueril de uma crítica sem o mínimo de ética e embasamento.

Portanto, o desfecho do texto passa a ser baseado em dogmas, onde ressaltamos a Doutrina Espírita com o objetivo principal da reforma íntima de cada um de nós, a necessidade de estamos nos doando moralmente e materialmente ao nosso próximo, dando-lhes o conforto, consubstanciado em Mt 25,31-46, testificado pelo próprio mestre Jesus.

A partir dessas premissas básicas que o Espiritismo nos convida ao estudo da codificação de Kardec, sem um rebuscado preconceito, compreendendo os milagres de Jesus e vendo neles causas naturais, sem que houvesse a derrogação de leis também naturais para sua ocorrência, entendendo que a trindade nunca existiu nos escritos dos evangelhos e das epístolas do novo testamento, não passando de um mito pagão, percebendo que Jesus nunca se intitulou Deus, senão seria pena grave e grande motivo para sua morte no madeiro pelos Judeus de sua época, conhecendo a fundo a natureza dos anjos e demônios, sabendo que são espíritos adiantados e atrasados a serviço ou desserviço do Eterno, assim como nós, porém sem estarem encarnados, investigando a existência de colônias espirituais e dos vales de tormento, mas entendendo que os seres que estão nestes lugares de sofrimento, por exemplo, estão de passagem, bem como a inexistência de uma alegoria do pecado original, levadas a crer que um Justo deveria pagar por um erro que ele não cometeu, bem como a dádiva da reencarnação que demonstra a justiça divina como ela realmente é. Por isso não convidamos a pensarem nisso, mas refletirem sobre a nossa resposta.

Thiago Toscano Ferrari
Agosto / 2013

Referências bibliográficas:

Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.

Textos sugeridos: ["Reencarnação ou Penas Eternas?"](#), ["Seremos salvos ou teremos que nos salvar?"](#), ["O diálogo entre Jesus e Nicodemos"](#), ["A Comunicação com os mortos na Bíblia"](#), ["Jesus pode ser considerado Deus?"](#), ["Quem realmente é satanás e quem são os demônios?"](#) e ["Trindade, o mistério criado por um leigo, anuído pelos teólogos"](#)